Símbolos e Medicina: o cajado de Apolo

Symbols and Medicine: the staff of Apollo

Paulo Roberto Ferrari Mosca[1,2]

Revista HCPA. 2013;33(3/4):226-229

1 Departamento de Pediatria, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Serviço de Pediatria, Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Contato:
Paulo Roberto Mosca
moscaprf@terra.com.br
Porto Alegre, RS ,Brasil

Um símbolo é um objeto que representa algo, mas sua significação pode ser modificada pelo uso popular, pela história e pela intenção contextual. Os símbolos fazem parte da vida dos homens do passado e do presente, sendo que, nas culturas antigas, eles são ligados a mitos que aparecem como formas primordiais de manifestação do espírito. Nessas situações, embora ligado a um campo semântico, um símbolo, em geral, não possui uma interpretação unívoca, até que essa seja fixada pelos poetas e escritores. O presente artigo trata do símbolo da medicina ocidental, o cajado de Apolo, situando-o no âmbito da história das idéias.

Nas mitologias arcaicas, costuma ocorrer a idéia de um deus absconditus que se manifesta sob três personalidades: na primeira, ele não é ainda manifesto, mas atua, como vontade, sobre uma matéria escura, em putrefação; em outra, ele é o agente criador e transformador de uma matéria vermelha em manifestação; numa terceira, ele penetra formas de matéria, atuando, como princípio da vida e da consciência, sobre uma matéria branca. A cada uma das personalidades (latim persona, “máscara”) corresponde a personalidade de uma figura feminina. Essas noções são expostas sob vários graus de abstração, ou sob a forma mais concreta de deuses e deusas. Na mitologia grega, as personagens masculinas correspondem aos deuses Chronos, Zeus e Apolo.

Apolo, em ático, jônico e grego homérico, Ἀπόλλων (Apóllōn), Ἀπέλλων (Apellōn) em dórico antigo ou Ἄπλοϋν (Aploun) em eólico, foi uma das divindades principais da mitologia greco-romana, um dos deuses olímpicos. Como princípio da vida ele era visto como o espírito do Sol, o deus da morte súbita, da cura e da proteção contra as forças do mal, assim como representava o conceito grego de natureza (physis); como fonte da consciência, ele era a luz da verdade ao fazer os homens conscientes de seus pecados, sendo o juiz da purificação, e também o símbolo da inspiração profética e artística, como o patrono do Oráculo de Delfos. Sua planta sagrada era o loureiro que cresce muito sob o Sol (1).

Plotino aponta que, seu nome significava não diversidade e que, para os pitagóricos, Apolo significa a unidade; Plutarco o associa a mônada e Heródoto o identifica com o Hórus egípcio (2). Platão no Cratylus conecta o nome com ἀπόλυσις (apolysis), "salvar", com ἀπόλουσις (apolousis), "purificação", e com ἁπλοῦν (aploun), "simples" (3).

Alguns mitólogos apontam que, como ele possuía vários atributos, talvez seja a reunião de várias personalidades; sua origem é incerta, talvez oriental e teria sido amalgamado a um antigo deus campestre dório, do norte da Grécia. As origens de seus mitos são obscuras, mas, no tempo de Homero, já tinha grande importância, sendo vinculado à lira, à serpente, ao corvo e ao grifo. Apolo foi identificado sincreticamente com vários deuses

e sobreviveu veladamente no florescimento do cristianismo primitivo, ligando-se ao Cristo e a São Miguel, mas na Idade Média, o catolicismo romano o identificou ao demônio (4).

Apolo é representado, em esculturas gregas antigas, por um jovem imberbe (talvez porque o Sol parece não envelhecer) que tudo vê como a luz solar atinge a todas as coisas; veste uma longa túnica, típica dos sacerdotes gregos; como médico, tinha aos pés uma serpente. Em outra configuração, entretanto, a serpente enrola-se no seu cajado, tendo a cabeça voltada para cima (5).

Essa serpente era a ctônica píton (Πύθων), que era o dragão terreno de Delfos, onde presidia o oráculo. Em Delfos, essa serpente existia no centro do culto de sua mãe Gaia (Terra), sendo que Python foi o nome do local que substituiu o nome antigo Krisa, como está no hino a Apolo Pítio, ou seja, Apolo que venceu a píton (6,7). O nome python parece se referir ao corpo podre da serpente morta, apodrecimento (em grego, πύθειν) este, devido à força de Hyperion (dia) ou Hélios (Sol), segundo o hino homérico a Apolo (8). Apolo torceu e dominou a serpente e refez sua antiga casa e local de culto, transformando-o para seu próprio local de culto. Antigas lendas apontam, contudo, a existência, aí, de dois dragões, os quais foram depois amalgamados; o masculino era chamado de Python e o feminino de Delphyne, como está no hino homérico para Apolo. Segundo uma hipótese, os narradores posteriores confundiram o dragão de Delfos, Python, com Typhon ou Typhoeus, o adversário (com mil cabeças) de Zeus, sendo que estes dois dragões tornaram-se depois a serpente de Apolo, havendo a denominação de pythia para a sacerdotisa dos oráculos. Isso explicaria por que a serpente Python vivia em amizade com Apolo, em certos quadros, guardando o Omphalos, a pedra umbilical sacra e o ponto médio da Terra, que estava no templo de Apolo (9).

O cajado de Apolo ficou tendo, então, só uma serpente.



Mas, segundo uma lenda, quando Hermes (Ερμης) solicitou o dom da profecia para Apolo, Apolo deu um cajado, parecido com o seu, para ele, dizendo que deveria usar este cajado para conseguir chegar até as Trias, em grego Θρια (três ninfas que presidiam a adivinhação pelo lançamento de pedras, em grego Θρια, em uma urna); essas ninfas viviam no Monte Parnaso e diziam a verdade quando alimentadas com mel, tendo, então, Hermes atingido seu intento. O cajado recebido por Hermes é conhecido como caduceu hermético, sendo constituído por duas serpentes que se enrolam no cajado e olham uma para a outra, e ainda por uma bola com duas asas sobre o cajado. Com esse caduceu, Hermes conduzia as almas dos mortos para regiões do além-túmulo (10).



Pode-se, contudo, olhar o caduceu hermético como simbolizando a medula da coluna vertebral, com os filetes com gânglios nervosos ao redor dela, encimada pelo mesencéfalo e os dois encéfalos; como as cabeças das duas serpentes voltam-se para cima, pode ser que elas representem a transformação de uma energia ctônica noutra de nível mais alto. Mas não há evidências para tais hipóteses. Pode ainda ser agregado que a serpente é desprovida, anualmente, de sua pele – simbolizando isso o ciclo dos renascimentos; e que a serpente costuma comer sua pele velha – simbolizando isso a digestão das consequências da vida passada (o dito karma) (11).

O cajado de Apolo transformou-se depois na letra Γ (tau) do alfabeto grego, mantendo uma serpente ereta enrolando-se nele. Segundo o texto "The consonants at law: sigma versus tau in the court of seven vowels" do satirista de Samosate no Eufrates, Luciano, que viveu no século II, a letra tau simbolizava "vida" e "ressurreição", em oposição à oitava letra grega Θ (theta) que simbolizava "morte" (12). O som original das

letras tau e theta era tipo plosiva alveolar surda, mas a última agregava o traço aspirado. Na Bíblia, o antigo termo “tau” foi substituído por “marca” (Ezequiel 9:4) ou por “assinatura” (Jô 31:1).

O cajado, ou o tau, com a serpente enrolada veio a ser o símbolo da medicina.



Este símbolo foi, contudo, ligado a um filho de Apolo com a mulher Coronis, filho este que se chamou Asclépio, o qual era um semideus, mas que foi adorado como se deus fosse. O significado da palavra Asclépio ainda é discutido; uma hipótese é que denote “retirado inteiro do ventre” (ας <- αω: saciar; κλέπτω: roubar; ρίθος: tonel), porque ele foi retirado do corpo de sua mãe que já estava na pira funerária (13).

Em Atenas, o culto de Asclépio já é atestado em 429 a.C., mas se difundiu rapidamente para toda a Hélade14. Os sacerdotes de Epidauros, o centro do culto de Asclépio, enviavam uma serpente para a cidade onde se devia instituir um novo santuário; uma premissa indispensável era a presença de uma fonte de água limpa. Os atributos de Asclépio, na antiga literatura grega, eram iatròs (médico), orthiòs (correto) e sotèr (salvador), todos derivados de seu pai Apolo. Ao lado da escultura de Asclépio, às vezes, aparece as figuras de seus filhos, a jovem Hygéia e o menino Telesphoros (Γελεσόρος), médico que, depois de morto, foi divinizado como Euamerion, ligado à convalescença(15).

Em 293 a.C., quando de uma peste em Roma, vários romanos foram a Epidauros se reportar à serpente sacra e erigiram o templo de Esculápio na ilha Tiberina, perto de Roma. Mais tarde o Esculápio romano foi assemelhado a Júpiter, por seu poder sobre os homens (14).

Na maioria dos países, o bastão de Apolo (ou de Asclépio) é o símbolo da Medicina; nos Estados Unidos, contudo, há também o uso do caduceu de Hermes ou Mercúrio: o emblema do US Public Health Service e do US Army Medical Corps é o caduceu, mas a National Library of Medicine, a American Medical Association e o US Army Departement usam o bastão de Apolo (ou Asclépio) (16,17). A origem do uso desses dois símbolos parece estar no final do século XIX, onde algumas editoras médicas norte-americanas adotaram o símbolo do caduceu a partir do símbolo da editora inglesa Churchill que editava livros de medicina e de literatura: as duas serpentes eram chamadas aí de “medicina” e “literis”, e havia o moto “Irrupta tenet copula” (“união ligada inquebrantável”) (18).

Hermes não é só o mensageiro dos deuses gregos, mas também é um fazedor da paz entre Príamo e Aquiles, existindo a lenda de que ele separou duas serpentes em luta, colocando entre elas o seu bastão, e aí as serpentes subiram pelo bastão, enrolando-se (19); além disso, o caduceu de Hermes foi descrito por Apolo para Hermes como “o cajado maravilhoso da abundância que, sendo não sujeito à morte, irá proteger você” (20). Os exércitos imperiais romanos usavam o caduceu numa bandeira para identificar a presença de não combatentes na batalha e para início das negociações; esse estandarte tinha um ramo de oliveira com fitas brancas e era carregado, ao alto, por um oficial dito caduceator. Nos grafados ocidentais entre o século III a.C. e o século II d.C., o caduceu, às vezes, tinha as asas colocadas debaixo das serpentes enroladas, simulando as asas nas botas de Hermes (21).

Se o Hermes grego foi benevolente com os humanos, atuando em áreas próximas da Medicina (como comunicação de sonhos, governador da língua, guia da inteligência, guia das almas nos caminhos do submundo Hades como Hermes Psychopompo), o Mercúrio romano aparece mais ligado ao comércio, ao carregar um saco com moedas. Mas havia também um Hermes egípcio, o Hermes Trismegisto (“o três vezes grande”), personagem místico que representava o deus Thoth em seu aspecto humano e que, como deus, era o espírito da lua brilhante que continha a essência da sabedoria criadora, “o elixir de Hermes”. Quando o deus tem cabeça do pássaro íbis, é o sagrado escriba dos deuses e aí porta o disco lunar e o atef, capacete alto e branco, com chifres de carneiro e o urœus, onde as duas plumas representavam as duas verdades (a vida e a morte); mas como serpente, Thoth era a divina sabedoria criadora (22).

REFERÊNCIAS

1. Graf F. 2009. Gods and heroes of the ancient world. Oxford, UK, Taylor & Francis.
2. Stamatellos G. 2007. Plotinus and the presocratics: a philosophical study of presocratic influences in Plotinus' Enneads. New York, SUNY Press.
3. Sedley D. 2003. Plato's Cratylus. Cambridge, Cambridge University Press.
4. Makrides V. 2009. Hellenic temples and Christian churches. New York, New York University Press.
5. Kerenyi K. 2009. Imágenes primigenias de la religión griega. México, Sexto Piso.
6. Smith W. 1857. Dictionary of Greek and Roman Geography London, John Murray.
7. Bowra M. 1928. Pindar's Pythian Odes. Oxford, Oxford University Press.
8. The Homeric Hymns. http://omacl.org/Hesiod/hymns.html .
9. Kerenyi K. 1998. Os deuses gregos. São Paulo, Cultrix (edição original em alemão, 1958).
10. Grimal P. 1951. Dictionaire de la mythologie grecque et romaine. Paris, PUF.
11. Delbrel R. 1981. Asclépios et les secrets d'Epidaure. Atlantis, 312:173-247
12. Harmon AM. 1913. Lucian Works. Loeb Classical Library, Harvard University Press.
13. Evelyn-White H. 1914. Homeric hyms, epic cycle, homerica. London, Heenemann.
14. Castiglioni A. 1936. Storia della medicina. Milano, Mondatori.
15. Celli Q. 1923. La medicina greca nella tradizioni mithologiche e omeriche. Roma, Leonardo da Vinci.
16. Gerhard FH. 1909. The appropriate insigne of the American Medical Association. JAMA 52:1325-7
17. Bremer JL. 1958. The caduceus again. N Eng J Med 258:334-6
18. Stephenson FB. 1892. A symbol for physicians. Boston Medical and Surgical Journal 127:308-81
19. Grant M. 1960. The myth of Higinas. Lawrence, KS, University of Kansas Pub
20. Parada C. 1994. Genealogical guide to Greek mythology. Jonsered, Forlag
21. Gluckman I. 1998. The caduceus. N Z Med J 111:281-282
22. Hanegraaf WJ. 2006. Dictionary of gnose and western esotericism. Leiden, Brill

Recebido: 01/03/2013
Aceito: 09/05/2013